



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

FERNANDO CARVALHO VENTURA

JOÃO DO RIO E OS "POETAS DA DETENÇÃO"

BRASÍLIA

2016



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JOÃO DO RIO E OS “POETAS DA DETENÇÃO”

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Balaban.

BRASÍLIA

2016



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JOÃO DO RIO E “OS POETAS DA DETENÇÃO”

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Balaban (Orientador)

Instituto de Ciências Humanas/Departamento de História/Universidade de Brasília

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Instituto de Ciências Humanas/Departamento de História/Universidade de Brasília

Prof. Dr. Tiago Luís Gil

Instituto de Ciências Humanas/Departamento de História/Universidade de Brasília

Data da defesa: 14 de julho

BRASÍLIA

2016

Aos meus pais Marcelo e Carmen Cristina, assim como aos meus avós Waldemar, Maria Therezinha, Francisco José e Leci. Por todo incentivo à minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Aos anteriormente mencionados, pelos mesmos motivos que os dedico, além de tantos outros motivos que lhes sou agradecido.

Ao amigo Andrew Teixeira dos Santos e aos seus familiares pela minha acolhida nesta cidade.

Aos demais amigos cujo companheirismo em todos os momentos, nas nossas vitórias e nas nossas derrotas, que os mesmos saibam o quanto lhes sou agradecido.

Aos mestres que tive o privilégio de contar nesta trajetória o meu profundo agradecimento por seus ensinamentos.

Ao meu orientador Marcelo Balaban por seus conselhos, assim como por sua enorme compreensão no curso deste trabalho.

“O criminoso é um homem como outro qualquer”

(João do Rio)

RESUMO

“Os poetas da Detenção” é uma crônica de João do Rio, pseudônimo do jornalista Paulo Barreto, publicada inicialmente no dia 1º de setembro de 1905 no periódico *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Uma crônica onde, através de diálogos com os detentos e com os demais personagens do cotidiano do estabelecimento penal da Casa de Detenção o narrador nos apresenta seu olhar sobre a produção de poemas e cantigas por esses detentos. Este trabalho monográfico tem por objetivo relacionar contextos e processos históricos à forma e conteúdo do texto que se tem por objeto de análise, ao seu autor e seus interlocutores imediatos, ou seja, no caso os leitores da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro quando da publicação da crônica. Este trabalho estabelece três principais contextos em que a crônica “Os poetas da Detenção” ganha sentido: a imprensa enquanto meio literário; as reformas urbanas em curso na cidade do Rio de Janeiro durante a administração de Pereira Passos; as rebeliões durante o período de produção da crônica que tomavam lugar na Casa de Correção, estabelecimento penal que dividia o espaço da Casa de Detenção à Rua Frei Caneca. Entretanto, outros contextos em que a crônica ganha sentido não foram ignorados, tampouco tiveram sua relevância minorada na análise da mesma.

RESUMEN

"Os poetas da Detenção" es una crónica de João do Rio, seudónimo del periodista Paulo Barreto publicada por primera vez el 1 de septiembre de 1905 en el periódico *Gazeta de Notícias* de Rio de Janeiro. Una crónica en la cual, a través del diálogo con los detenidos y otros personajes del cotidiano en el establecimiento penal de la Casa de Detención, el narrador presenta su punto de vista de la producción de poemas y canciones de estos detenidos. Esta monografía tiene como objetivo relacionar los contextos y procesos históricos a la forma y el contenido del texto que tiene por objeto de análisis, el autor y sus interlocutores inmediatos, es decir, los lectores de la *Gazeta de Notícias* de Rio de Janeiro cuando se publica la crónica. Este trabajo establece tres contextos principales en los que la crónica "Os poetas da Detenção" tiene sentido: la prensa como un medio literario; las reformas urbanas en la ciudad de Río de Janeiro durante la administración de Pereira Passos; las rebeliones durante el período de producción crónica que tenían lugar en la Casa de Correção, establecimiento penal que compartía su espacio con la Casa de Detenção en la Rua Frei Caneca. Sin embargo, otros contextos en los que tiene sentido crónica no fueron ignorados, ni tendrán su importancia disminuida en el análisis de la crónica.

ABSTRACT

"Os poetas da Detenção" is a chronicle by the journalist Paulo Barreto pseudonym João do Rio initially published on the 1st of September 1905 in the *Gazeta de Notícias* of Rio de Janeiro. A chronicle in which, through dialogue with the detainees and the other characters of the Casa de Detenção penal establishment daily life, the narrator presents his view of the poems and songs production by these detainees. This monograph aims to relate contexts and historical processes to the form and content of the text that has as its object of analysis, to the author and his immediate interlocutors, i.e., the readers of the *Gazeta de Notícias* of Rio de Janeiro. This work establishes three main contexts in which the chronicle "Os poetas da Detenção" makes sense: the press as a literary medium; the urban reforms in the city of Rio de Janeiro during the administration of Pereira Passos, the rebellions during the time of chronicle production that took place in the Casa de Correção, a penal establishment that divided the space with Casa de Detenção at Rua Frei Caneca. However, other contexts in which the chronicle makes sense were not ignored, nor had their importance lessened the analysis thereof.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	11
TRAJETÓRIA DE PAULO BARRETO NOS PERIÓDICOS DO RIO DE JANEIRO ATÉ A PUBLICAÇÃO DE “OS POETAS DA DETENÇÃO”	14
AS REBELIÕES NA CASA DE CORREÇÃO EM 1905	18
AS REFORMAS URBANAS NO RIO DE JANEIRO DURANTE A ADMINISTRAÇÃO DE PEREIRA PASSOS	22
A IMPRENSA ENQUANTO MEIO LITERÁRIO E JORNALÍSTICO EM 1905	25
JOÃO DO RIO E “OS POETAS DA DETENÇÃO”	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
ANEXO – OS POETAS DA DETENÇÃO E SEUS POEMAS	35
FONTES CONSULTADAS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE.....	45

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

“Os poetas da Detenção” é uma crônica de João do Rio, pseudônimo do jornalista Paulo Barreto, publicada pela primeira vez em primeiro de setembro do ano de 1905 no periódico *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

Essa crônica se insere em uma série escrita por Paulo Barreto como resultado do empenho jornalístico do autor em ir à Casa de Detenção na cidade do Rio de Janeiro observar e retratar este estabelecimento penal e aqueles que se encontravam lá detidos.

Essa série de reportagens mais a frente no ano de 1908 será incluída na obra *A alma encantadora das ruas*, - obra que reúne muitas das crônicas de João do Rio, além de conferências pronunciadas por Paulo Barreto no contexto da reforma urbana no Rio de Janeiro no início do século XX -, nesta coletânea a série de reportagens que resultaram do trabalho de Paulo Barreto na Casa de Detenção está contida em uma parte intitulada “Onde às vezes termina a rua”

Listada pela cronologia de sua primeira publicação, essa parte da obra contém as crônicas:

1. “Crimes de amor”, publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 28/08/1905 e inserida na série “No jardim do crime”;¹
2. “A galeria superior”, publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 29/08/1905 e também inserida na série “No jardim do crime”;²
3. “Versos de presos”, publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 01/09/1905 com o título “Os poetas da Detenção”;³
4. “As quatro ideias capitais dos presos”, publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 03/09/1905;⁴
5. “Mulheres detentas”, publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 03/09/1905;⁵

¹ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 28/08/1905.

² BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 29/08/1905.

³ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 01/09/1905.

⁴ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 03/09/1905.

⁵ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 03/09/1905.

6. “O dia de visitas”, publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 12/09/1905.⁶

Como já mencionado, nesta monografia analiso a terceira crônica, onde, através de diálogos com os detentos e com os demais agentes do cotidiano do estabelecimento penal da Casa de Detenção, o narrador João do Rio nos apresenta seu olhar sobre a produção de poemas e cantigas por esses detentos. Esta crônica foi escolhida porque revela uma ideia acerca da figura do criminoso e/ou detento distinta em muitos aspectos da presente no imaginário do período, não prevalecendo na crônica uma ideia que retira a humanidade dos mesmos. Uma crônica que apresenta: descrições dos detentos; descrições do estabelecimento penal; descrições dos agentes do cotidiano do estabelecimento penal tais como funcionários do mesmo e os pregadores religiosos; uma narrativa acerca do seu trabalho jornalístico no estabelecimento penal; críticas acerca do sistema punitivo, como a respeito de sua seletividade ou a respeito das condições insalubres dos detentos; transcrições dos poemas e canções dos detentos coletados no curso de seu trabalho jornalístico; além de críticas acerca dessa produção coletada.

Ao optar pela análise de uma fonte literária e jornalística, tive a possibilidade de estudar as relações entre literatura e processo histórico. Trata-se de colocar a questão da historicidade do discurso literário e das instituições que o mesmo atravessa. No caso as relacionadas às instâncias literária, jornalística, assim como à instância punitiva do Estado republicano que se configurava.

Pretendo através desta monografia, considerando a representação humanizante do criminoso e/ou detento presente em "Os poetas da Detenção", analisar qual o sentido desta representação dos mesmos na crônica inserindo a mesma em seu contexto de produção.

Este trabalho monográfico tem por objetivo relacionar contextos e processos históricos à forma e conteúdo do texto que se tem por objeto de análise, ao seu autor e seus interlocutores imediatos, ou seja, os leitores da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro quando da publicação da crônica.

Este trabalho estabelece três principais contextos em que a crônica “Os poetas da Detenção” ganha sentido:

1. A imprensa enquanto meio literário e jornalístico em 1905;
2. As reformas urbanas em curso na cidade do Rio de Janeiro durante a administração de Pereira Passos;

⁶ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 12/09/1905.

3. As recorrentes rebeliões durante o período de produção da crônica que tomavam lugar na Casa de Correção, estabelecimento penal que dividia o espaço da Casa de Detenção à Rua Frei Caneca.

Entretanto, outros contextos em que a crônica ganha sentido não serão ignorados, tampouco terão sua relevância minorada na análise da mesma.

A considerar estes contextos, o sentido da representação dos criminosos e/ou detentos na crônica é mais bem compreendido. Paulo Barreto representa os mesmos de modo a humanizá-los inserido em um contexto onde a literatura e o jornalismo da época os enxergavam enquanto representações da barbárie frente à civilização, ou do atraso frente ao progresso de uma cidade onde se buscava a produção de um consenso em torno da necessidade deste progresso representado pelas reformas urbanas, assim como pela absorção de valores europeus no âmbito da *belle époque* carioca.

Um reflexo desse projeto de cidade se encontra na figura dos homens de letras, cujo contraponto eram os capoeiras, os malandros e os vadios ligados aos bairros da zona portuária e cuja presença na Casa de Detenção era recorrente, em especial ligados aos crimes de vadiagem. Paulo Barreto circula entre estes dois universos, revelando este cenário de modo singular em sua obra literária e jornalística.

TRAJETÓRIA DE PAULO BARRETO NOS PERIÓDICOS DO RIO DE JANEIRO ATÉ A PUBLICAÇÃO DE “OS POETAS DA DETENÇÃO”⁷

Considerando a imprensa um meio privilegiado, mas obviamente não o único, de publicação literária no período em análise, se faz necessário uma apresentação da trajetória de Paulo Barreto nos periódicos do Rio de Janeiro até a publicação de “Os poetas da Detenção”.

Paulo Barreto inicia sua trajetória jornalística no ano de 1899 no periódico *A Tribuna*. No mesmo ano publicou textos sobre temas literários no periódico de José do Patrocínio *A Cidade do Rio*, também no mesmo ano publicou seu primeiro conto, intitulado “Impotência”. Porém, somente a partir de 1900 que Paulo Barreto iniciou a publicação regular de seus textos em diversos periódicos, sendo alguns deles: *O Paiz*, *O Dia*, *O Tagarela*, *Correio Mercantil*, *Gazeta de Notícias*, dentre outros.

Em geral eram textos de crítica da arte e literária, onde predominavam a defesa do realismo, assim como ataques ao romantismo e ao simbolismo. Em 1903, Paulo Barreto inicia a publicação regular da coluna “A Cidade”, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, coluna que assinava como “X”. No final daquele ano inaugura seu mais famoso pseudônimo: João do Rio.

Com essa assinatura Paulo Barreto irá publicar no mesmo diário, em 1904, as reportagens que ao final do ano serão editadas na obra *As religiões do Rio*, assim como, neste mesmo periódico, as primeiras reportagens que irão ser editadas posteriormente resultando em *A alma encantadora das ruas*. Também em 1904, Paulo Barreto iniciava colaboração na *Revista Kosmos*, revista sintonizada às reformas urbanas em curso na cidade durante a administração de Pereira Passos.

Ainda que Paulo Barreto fosse um defensor das ideias de progresso e de modernidade, seu tom difere bastante dos demais colaboradores onde prevalece um elogio bastante acentuado dessas ideias e, mais especificamente, da construção da Avenida Central, assim

⁷ Para o levantamento da trajetória de Paulo Barreto nos periódicos do Rio de Janeiro até a publicação de “Os Poetas da Detenção” na edição da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro de 01/09/1905 as fontes consultadas foram: a “Cronologia” apresentada na edição da obra “A alma encantadora das ruas” de João do Rio, organizada por Raúl Antelo e publicada pela editora Companhia das Letras no ano de 2008, assim como os periódicos em que Paulo Barreto publicou textos até a data de publicação da crônica objeto deste trabalho e disponíveis na “Hemeroteca Digital” da Biblioteca Nacional, acessada através da rede mundial de computadores, além da biografia de Paulo Barreto disponibilizada pela Academia Brasileira de Letras também através da rede mundial de computadores.

como da administração de Pereira Passos e de sua pessoa. Paulo Barreto não se ocupa em fazer uma exaltação à figura de Pereira Passos, sua idéia de progresso e de modernidade não enxergava nestes projetos a necessidade de exclusão de setores marginalizados dessa modernidade e, portanto, do espaço urbano. Tinha o mesmo a consciência de que estes setores eram parte constituinte do espaço urbano moderno.

Em 1905, ano de publicação do texto objeto deste estudo, durante os meses de março a maio, irá publicar “O momento literário”, coluna que posteriormente resultará no ano de 1907 na publicação de obra homônima. Esta coluna se coloca enquanto um inquérito sobre a literatura, inquirindo também acerca do jornalismo e de sua relação com a literatura. No anúncio anterior à publicação da coluna na *Gazeta de Notícias*, consta o seguinte: “*O inquérito, feito parte por interview parte por cartas, tem tido respostas de grande imprevisto e agitará de qualquer sorte a nossa litteratura, pela sua parte documentativa*”.⁸ Na primeira publicação da coluna, intitulada “Antes”, onde o autor esclarece melhor os objetivos e métodos deste inquérito, há o seguinte questionamento: “*O jornalismo, especialmente no Brasil é um factor bom ou máo para a arte litteraria?*”.⁹

Também em 1905, durante a inauguração da Avenida Central, no contexto das reformas urbanas em curso anteriormente mencionadas, faz a conferência “A rua”. A transcrição desta conferência será publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, assim como será o primeiro texto de *A alma encantadora das ruas*. Nesta conferência, Paulo Barreto faz uma espécie de elogio das ruas, afirmando que para se compreender a alma e a psicologia das ruas, era preciso ter espírito vagabundo e ser um flânador, termo que o autor esclarece o significado nos seguintes termos:

"Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da populaça, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido dillettanti de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até

⁸ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 12/03/1905.

⁹ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 13/03/1905.

um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja...

É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela, como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no Homem das multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes.

É uma espécie de secreta à maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionais. Haveis de encontrá-lo numa bela noite ou numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai. Pensareis decerto estar diante de um sujeito fatal? Coitado! O flâneur é o bonhomme possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão.

O flâneur é ingênuo quase sempre. Para diante dos rolos, é o eterno "convidado do sereno" de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio. O balão que sobe ao meio-dia no Castelo sobe para seu prazer; as bandas de música tocam nas praças para alegrá-lo; se num beco perdido há uma serenata com violões chorosos, a serenata e os violões estão ali para diverti-lo. E de tanto ver o que os outros quase não podem entrever, o flâneur reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do

mundo e da inconcebível futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação...

*Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é pra mim um ser vivo e imóvel.*¹⁰

Paulo Barreto tem interesse em seus textos por certas personagens e práticas bastante discriminadas pelo restante da sociedade.¹¹ Esta escolha do jornalista por estes atores pode ser compreendida levando em consideração, além de sua afirmação enquanto um flanador, a própria trajetória de Paulo Barreto, já que este também foi alvo de discriminação em sua trajetória. Além dos ataques de que era alvo por parte dos escritores à época, vale ser recordado um exemplo muito citado acerca da recusa ao ingresso de Paulo Barreto na carreira diplomática por parte do Barão do Rio Branco em 1902, alegando este ser devido ao jornalista ser “*gordo, amulatado e homossexual*”.¹²

Podemos notar como o mundo das letras na Primeira República era dominado pelos homens brancos e heterossexuais, assim como este mundo das letras – como o restante da sociedade da época – era fortemente racista e homofóbico. Portanto, sendo Paulo Barreto um flanador mulato que afirmavam ser homossexual, era o mesmo alvo de toda sorte de preconceitos e discriminações. Deste modo, podemos compreender parcialmente o interesse presente em sua obra de ter enquanto temas e personagens outros setores discriminados pela sociedade da época.

¹⁰ DO RIO, João [Paulo Barreto]. "A rua". In: *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, PP. 31-33.

¹¹ FRANCO, Thiago Carvalho, DE MENDONÇA, Maria Luiza Martins. Junio de 2015. João do Rio e a Alma encantadora das ruas: o lugar do subalterno e do cidadão em sua obra. *Palavra clave* 18 (2), 452-474. Neste artigo os autores identificam se o subalterno tem espaço de fala na obra de João do Rio através de análise estatística.

¹² GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

AS REBELIÕES NA CASA DE CORREÇÃO EM 1905

Considerando o duplo caráter da crônica - jornalístico e literário -, devemos ter em conta que, em termos jornalísticos, esta pesquisa leva a crer que a crônica é uma resposta ao contexto de rebeliões que se deram à época na Casa de Correção de modo mais específico, assim como pela enorme curiosidade presente nos periódicos da época pelo universo do crime e pelos seus personagens.

Para compreender este contexto, se faz necessário apresentar o que era a Casa de Detenção e como se dava a organização administrativa, judiciária e policial que se ocupava do *jus puniendi* ou do direito de punir do Estado na recém-proclamada república. Isto permitirá visualizar o cenário de injustiças de que muitos detentos eram vítimas e assim compreender algumas das possíveis motivações para essas rebeliões para além da conquista da liberdade.

Em 1856, foi instituída a Casa de Detenção no Rio de Janeiro, sendo instalada nas dependências da Casa de Correção da Corte, cujo diretor veio a acumular a administração de ambas instituições subordinado ao Chefe de Polícia da Corte. A Casa de Detenção tinha por finalidade a reclusão dos indiciados pelas autoridades policiais e judiciárias.¹³ Em 1900, com a reorganização do Serviço Policial do Distrito Federal no processo de transição para o regime republicano no Brasil, a Casa de Detenção vem a ser órgão integrante do Ministério da Justiça e Negócios interiores.¹⁴

Qual era a distinção entre estas duas instituições que ocupavam um mesmo espaço? Como o próprio nome das instituições indica, a Casa de Correção tinha o objetivo declarado de corrigir o criminoso, enquanto a Casa de Detenção tinha o objetivo declarado de deter o criminoso. Para a Casa de Detenção seriam enviados os praticantes de delitos com menor potencial ofensivo, assim como aqueles que esperavam por sua sentença condenatória ou absolvição.¹⁵

Amy Chazkel nos apresenta um bom panorama dos detentos à época da Primeira República, tomando por base o meio de julho e início do mês de setembro de 1912:

¹³ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Inventário preliminar do Fundo: Casa de Detenção do Rio de Janeiro, 2001.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ CHAZKEL, Amy. “Uma perigosíssima lição: a Casa de Detenção do Rio de Janeiro na Primeira República”. In: MAIA, Clarisse Nunes, NETO, Flávio de Sá, DA COSTA, Marcos, BRETAS, Marcos Luiz (Orgs.). *História das prisões no Brasil - Vol. 02*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, Passim.

“cerca de um terço dos 389 homens escoltados por guardas até a entrada da cadeia municipal do Rio de Janeiro havia sido preso por “vadiagem”, uma infração cuja conexão etimológica com a palavra “vago” não é mera coincidência”.¹⁶

Acusados por autoridades policiais de vadiagem, estes homens eram detidos por períodos que variavam de cinco dias a um ano na Casa de Detenção, segundo este mesmo autor.¹⁷ Além da predominância dos detidos por vadiagem frente a outros delitos dos mais diversos, Amy Chazkel aponta também um enorme número de detidos de idade e cores de pele diversa devido a “razões desconhecidas”.¹⁸

Considerando as arbitrariedades fartamente documentadas desde o período em questão até nossos dias sob o manto da discricionariedade que encobre as autoridades do poder público em seus arbitrários abusos de poder, poderíamos então crer que estas “razões desconhecidas” talvez se tratassem das razões as mais diversas desde intrigas pessoais a divergências políticas dentre outras.

Para tanto, recorro à obra de Vitor Nunes Leal que esclarece o cenário de injustiças que predominavam na polícia e no judiciário, injustiças que nos permitem compreender melhor as razões dessas rebeliões. Na obra *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*, mais profundamente no capítulo sobre “A organização policial e judiciária”, Vitor Nunes Leal, ao tratar da livre nomeação dos chefes de polícia, delegados e subdelegados, assim como ao tratar do federalismo de 1891, onde prevaleceu a ideia das funções policiais enquanto competência dos estados que livremente organizariam seu aparelhamento policial faz uma crítica a este modelo se colocando contrário ao mesmo.¹⁹

Para o autor, isto teve por resultado: *“a subsistência da polícia partidária, que já vinha do Império, utilizada como instrumento habitual de ação política”*. Em seguida afirmando que, *“a diferença é que [a polícia] passou a servir às situações estaduais, quando antes obedecia aos desígnios do governo central”*.²⁰

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ LEAL, Vitor Nunes. “Organização policial e judiciária”. In: *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, PP. 181-205.

²⁰ Idem. PP. 190-191.

Quanto à organização judiciária, este mesmo autor apresenta dentre outros os seguintes elementos: “*notórias ligações*” de juízes leigos com a “*corrente política local de que dependia sua eleição*”, as promoções por merecimento, a recondução e a remoção para melhores termos ou comarcas, a disponibilidade, a alteração de limites e a supressão de circunscrições, a retenção de vencimentos e a livre nomeação e demissão dos membros do Ministério Público local, utilizados habitualmente como instrumentos de ação partidária.²¹

Neste cenário, rebeliões eram recorrentes no espaço da Casa de Correção. Um relato de uma das rebeliões:

“Eram cerca de cinco horas da tarde quando guardas da Casa de Correção perceberam que cinco homens collocados nos morros de S. Carlos e Catumbý (...) faziam insistentes gestos para os presos que se achavam trabalhando no pateo, parecendo traduzir incitamento a uma acção qualquer (...). Enquanto isso se fazia e no momento em que ficaram no pateo guardas em número reduzido, os sentenciados que ahi se achavam proromperam em forte asuada e investiram furiosamente contra os guardas, atirando-lhes pedras e pretendendo ataca-los com as ferramentas com que trabalhavam (...). Os guardas procuravam defender-se como podiam ás arremetidas dos sentenciados, travando com estes desesperada lucta, braço a braço. Tal situação durou alguns minutos, ao fim dos quaes uma forma de praças policiaes, vinda á pressa da Casa de Detenção conseguiu contar os revoltosos e prendel-os.”²²

²¹ Idem. PP. 191-193. No último parágrafo do subcapítulo “Organização judiciária no regime de 1891”, o autor explicita sua posição: “por estas portas largas passava a desenvolva colaboração da organização judiciária nos planos de dominação do situacionismo estadual, refletindo-se, diretamente no mecanismo “coronelista”.

²² “Revolta de presos na Casa de Correção”. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, edição de 20 de Janeiro de 1905. Esta revolta de presos também se encontra mencionada em SANT’ANNA, Marilene Antunes. “Os espaços das prisões no Rio de Janeiro do século XIX”. In: *Anais das Jornadas de 2007*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Vale recordar aqui o primeiro parágrafo do capítulo “Os trabalhadores pobres” de *A era das revoluções* de Eric Hobsbawn, onde o autor afirma que “Eram três as possibilidades abertas aos pobres que se encontravam à margem da sociedade burguesa e não mais efetivamente protegidos nas regiões ainda inacessíveis da sociedade tradicional”, estes teriam três possibilidades: “podiam lutar para se tornarem burgueses, poderiam permitir que fossem oprimidos ou então poderiam se rebelar”. HOBBSAWN, Eric. “Os trabalhadores pobres”. In: *A era das revoluções, Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, PP. 221-237.

Rebeliões como esta na Casa de Correção ocorreram reiteradamente à época de publicação da crônica.²³ Ainda que fossem estabelecimentos penais distintos, ambos se localizavam no mesmo espaço na Rua Frei Caneca, não sendo possível negar a influência dos eventos ocorridos na Casa de Correção no cotidiano da Casa de Detenção e a influência no interesse de Paulo Barreto em ir até a Rua Frei Caneca para conhecer a realidade por detrás dos altos muros destes estabelecimentos penais.

Resumidamente, estes são os elementos que compõem o cenário da Casa de Detenção onde se desenrola a crônica que é objeto deste estudo. Estando demonstradas as relações entre os presos e as forças policiais e o poder judiciário, assim como o modo como os presos eram tratados pela imprensa, esta pesquisa leva a crer que a crônica é também uma resposta ao contexto de rebeliões que se deram à época na Casa de Correção de modo mais específico, sendo estes eventos que despertavam a curiosidade dos leitores da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

De modo mais amplo, considerando o duplo caráter da crônica – jornalístico e literário -, e entendida a mesma na lógica de uma literatura como missão pública, idéia que será apresentada de modo mais detido mais adiante, também se trata de uma resposta ao contexto de injustiças em que se inserem a Casa de Detenção e a Casa de Correção apresentados.

²³ SANT'ANNA, Marilene Antunes. "Os espaços das prisões no Rio de Janeiro do século XIX". In: *Anais das Jornadas de 2007*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

AS REFORMAS URBANAS NO RIO DE JANEIRO DURANTE A ADMINISTRAÇÃO DE PEREIRA PASSOS

Há uma abundante produção historiográfica acerca das transformações urbanas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX. Esta abundância se faz ainda mais notável se tratando do período das reformas urbanas durante a administração de Pereira Passos.

Desta abundante produção historiográfica, foram selecionados textos que nos auxiliarão no entendimento do contexto dessas transformações urbanas e, mais especificamente do contexto das reformas urbanas durante a administração de Pereira Passos.²⁴

Antonio Edmilson Martins Rodrigues, investigando a história da urbanização no Rio de Janeiro, afirma que na passagem do século XIX para o século XX, há um transcurso de uma situação colonial para a moderna. Porém, para este autor essa passagem se dá em uma atmosfera de permanências.

Seu texto visa o estabelecimento do significado da entrada da cidade no moderno. Para o autor, esta entrada da cidade no moderno se dá de modo distinto das capitais européias, conforme, nos termos do autor:

“Diferentemente das capitais européias, que, diante da modernidade provocada pelo desenvolvimento de estruturas de produção e consumo capitalistas, acentuam o caráter privado das representações sociais, o que parece ocorrer na cidade do Rio de Janeiro é sua adaptação a um novo momento”.²⁵

Este novo momento para o autor se caracteriza por pressões externas e internas: sendo as primeiras relacionadas à dimensão exportadora das relações econômicas e sendo as internas relacionadas à interiorização das demandas externas, a necessidade de uma resposta a

²⁴ Os textos referidos são: BENCHIMOL, Jayme. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992; FREIRE, Américo. *Uma capital para a República. Poder Federal e forças políticas locais no Rio de Janeiro na virada para o século XX*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998 e RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. “História da urbanização no Rio de Janeiro. A cidade capital do século XX no Brasil”. In: CARNEIRO, Sandra de Sá, SANT’ANNA, Maria Josefina Gabriel (Orgs.). *Cidades, olhares, trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, PP. 85-118.

²⁵ RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Op. Cit. P. 86.

crecente complexidade da população da cidade - resultado das migrações, imigrações e da libertação dos escravos -, além do aumento do mercado de trabalho - resultado da ampliação das funções urbanas.²⁶

Entretanto, para o autor, se valendo da obra de Roberto Simonsen, “*este cenário não representa porém alterações radicais na estrutura econômica e política*”, ou, como afirma de modo mais explícito em seguida: “*A manutenção de uma direção política e econômica conservadora faz que, nesse processo, não sejam incluídas demandas dos setores sociais mais recentes da cidade: os trabalhadores urbanos*”.²⁷

Os trabalhadores urbanos tinham sua ação restrita através de um controle e disciplinamento de seu cotidiano, além das restrições à sua representação política. Neste novo cenário, a velha tradição oligárquica se mantém, “*só que agora afastada da tradição colonial*”.²⁸

Jaime Benchimol, também investigando a transformação da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, define como essas transformações se inserem no âmbito do ideário da época do seguinte modo: “*Trava-se uma luta entre dois grandes “campos” ou princípios: o progresso, a civilização, a regeneração estética e sanitária da cidade; a cidade colonial, atrasada, anti-estética, suja e doente*”.²⁹

Como se pode inferir da mencionada conferência “A rua”, proferida quando da inauguração da Avenida Central, assim como de sua definição de flânador transcrita em capítulo anterior, Paulo Barreto se coloca enquanto um integrante do primeiro campo descrito por Benchimol.³⁰

Entretanto, sua defesa do progresso, da civilização e da regeneração estética e sanitária se dá sem deixar de dar voz aos setores da sociedade que no entendimento de Antonio Edmilson Martins Rodrigues foram colocados à parte da representação política.³¹

Este conjunto de reformas e o ideário que as fundamenta, são um dos eixos em que a crônica “Os poetas da Detenção” ganha sentido, isto se torna mais evidente em uma passagem

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ Ibidem, P. 87.

²⁹ BENCHIMOL, Jayme. Op. Cit., P. 205.

³⁰ DO RIO, João [Paulo Barreto]. “A rua” In: BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 29/10/1905. DO RIO, João. “A rua”. In: *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, PP. 28-52. BENCHIMOL, Jayme. Op. Cit., Loc. Cit.

³¹ RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Op. Cit., Loc. Cit.

da crônica em que há uma referência ao sanitarista Oswaldo Cruz, nome por trás da campanha de vacinação que resultou na chamada Revolta da Vacina inserida neste mesmo contexto de tensão entre uma cidade colonial e uma cidade moderna e europeizada, tensão presente na produção literária da época conforme já identificado nas obras de Nicolau Sevcenko, mas principalmente na obra de Flora Süssekind.³²

Essa tensão se manifesta no debate literário do período e a crônica "Os poetas da Detenção" demonstra isso. Afinal, a imagem que se esperava de uma capital no contexto da *belle époque* carioca era a imagem dos homens de letras da época, neste caso falo dos literatos "com casaca", ao escolher os poetas detentos enquanto tema de sua crônica, Paulo Barreto assume uma postura de intelectual "sem-casaca". Este, invertendo o lugar dos criminosos detidos na Casa de Detenção e os colocando enquanto poetas, ou seja, os localizando socialmente em um patamar análogo ao dos intelectuais "com casaca", promove uma ruptura com a ideologia dominante de uma lógica de distinção dos intelectuais do período frente ao restante da sociedade. Neste contexto de reformas urbanas que ignoravam os interesses das chamadas "classes perigosas", isso representa uma espécie de ponderação na ideia de progresso e de modernidade defendidas pelo autor, uma ponderação no sentido de que estando estes detentos em um patamar análogo ao dos intelectuais do período, sua importância na transição de uma cidade colonial para uma cidade moderna não deveria ser ignorada.

³² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – Literatura, técnica e modernização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

A IMPRENSA ENQUANTO MEIO LITERÁRIO E JORNALÍSTICO EM 1905

Através da análise da trajetória de Paulo Barreto na imprensa carioca até a publicação da crônica que é objeto deste trabalho, ficou evidente ser a imprensa um importante meio literário na época. Essa idéia tem respaldo na historiografia sobre o período, assim como na fonte objeto desta análise, além de outras fontes consultadas, como a coluna "O momento literário", na já citada passagem da primeira publicação da coluna, intitulada "Antes", onde há o seguinte questionamento: "*O jornalismo, especialmente no Brasil é um factor bom ou máo para a arte litteraria?*".³³

Quanto à historiografia sobre o período voltada ao referido mundo das letras, merece destaque a obra de Nicolau Sevcenko *Literatura como missão*. Após o advento do regime republicano, os valores na produção literária se renovam. Para Sevcenko, essa renovação promove uma divisão entre dois grupos intelectuais distintos: os intelectuais de casaca - que representavam as aspirações da burguesia tradicional – e os intelectuais sem casaca – que seriam os boêmios que através de suas obras visavam uma ação na esfera pública e a mudança histórica. Para estes “intelectuais sem casaca”, como Euclides da Cunha e Lima Barreto, seu trabalho intelectual estaria envolto em uma missão pública.³⁴

Também merece destaque a obra *Cinematógrafo de letras*, de Flora Süssekind, que resulta da análise das relações entre o período anterior ao modernismo e o horizonte técnico que se apresentava então aos literatos daquele tempo. Através da identificação da especificidade na literatura produzida no período da centralidade atribuída à tensão entre um fascínio ou uma recusa ante este horizonte técnico que se configurava, uma tensão manifestada nas obras e nos debates de então. Nesta obra, a autora tem por argumento a idéia da literatura sendo definida como técnica, através de um processo de profissionalização das letras.³⁵

Através dessas leituras, fica evidente a tensão presente no mundo literário da época, um mundo literário com múltiplas faces. Sendo uma dessas tensões a que se fazia presente entre a literatura e o jornalismo. Analisando “O momento literário”, um inquérito sobre a

³³ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 13/03/1905.

³⁴ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., Passim.

³⁵ SÜSSEKIND, Flora. Op. Cit., Passim.

literatura à época onde há por volta de noventa usos do termo “jornalismo” seja utilizado pelo autor, seja pelos seus entrevistados, também se faz evidente essa tensão:

“Os vencedores acham todos o jornalismo animador, o jornalismo necessário; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plúmbeos, ainda não se apossaram das folhas diárias, atacam o jornalismo, achando essa idéia uma elegância de primeira ordem. São geralmente os poetas, os poetas que fatalmente tendem a ver o seu mercado diminuído — porque o momento não é de devaneios, mas de curiosidade, de informação, fazendo da literatura no romance, na crônica, no conto, nas descrições de viagens, uma única e colossal reportagem.”³⁶

Podemos notar que a imprensa era um lugar importante para os literatos e para a literatura, sendo esta relação da literatura com a imprensa delicada e polêmica. Ou seja, a imprensa carioca do período deve ser entendida não apenas enquanto meio jornalístico, mas também enquanto meio literário. Então ao realizar a análise da crônica que é objeto deste trabalho, se faz necessário considerar seu duplo caráter, jornalístico e literário. Entretanto, ao se afirmar ser a imprensa um meio jornalístico e literário, se deve ter em conta que ao assumir este duplo caráter, as relações entre o jornalístico e o literário neste contexto se configuravam em uma tensão, sendo esta tensão tema do citado “O momento literário”.

Paulo Barreto se colocava frente a estas tensões presentes à época enquanto um escritor e jornalista dotado de uma missão pública, um intelectual “sem-casaca” defensor da modernidade e da modernização da cidade do Rio de Janeiro. Porém sua defesa da modernidade não se trata da defesa de uma modernidade excludente, já que no universo do mesmo estes elementos - as “classes perigosas” - que se buscava excluir do projeto de cidade moderna eram parte constituinte do espaço urbano moderno carioca e da vida urbana moderna a despeito das particularidades locais.

Essas singularidades no modo como Paulo Barreto se posicionava ante esse mundo das letras na república que então se configurava serão avaliadas na análise da crônica “Os poetas da Detenção” que revela de modo mais contundente seu posicionamento, estando apresentados apenas alguns dos seus traços mais marcantes até então.

³⁶ DO RIO, João [Paulo Barreto]. “O momento literário”. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca nacional, s.d. (Edição digital disponível no sítio eletrônico <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf> acessado em 19/06/2016).

JOÃO DO RIO E “OS POETAS DA DETENÇÃO”³⁷

Neste capítulo, após serem expostos nos capítulos anteriores os argumentos que levam a estabelecer neste trabalho monográfico três eixos em que a crônica “Os poetas da Detenção” ganha sentido, será realizada uma análise interna da crônica privilegiando a investigação acerca dos modos em que seu narrador João do Rio representa os detentos, assim como dos modos com que o mesmo representa a produção destes detentos.

A crônica “Os poetas da detenção” foi publicada pela primeira vez em primeiro de setembro de 1905, no periódico *Gazeta de notícias* do Rio de Janeiro, sendo posteriormente republicada na obra *A alma encantadora das ruas*, uma coletânea que inclui outras crônicas do mesmo autor e publicada no ano de 1908.

Este texto, como já mencionado em outros capítulos, se insere em uma série de crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro que resultaram do trabalho jornalístico de Paulo Barreto na Casa de Detenção.

Nas edições de *A alma encantadora das ruas* subsequentes à publicação original da crônica na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1905, o título da crônica foi alterado de “Os poetas da detenção” para “Versos de presos”. Uma modificação que talvez nos permita afirmar que, se no título da primeira publicação os detentos ocupavam um lugar de “poetas detentos”, nas publicações posteriores estes além de não ocuparem a centralidade do enunciado, são definidos como presos que produzem versos, não mais enquanto poetas que se encontravam detidos.

Podemos imaginar que esta alteração tenha partido dos editores de *A alma encantadora das ruas*, considerando suas motivações ideológicas e comerciais, obviamente não sem o consentimento de Paulo Barreto. Esta alteração permanece em todas as edições posteriores de *A alma encantadora das ruas* levantadas no âmbito deste trabalho.

Na crônica em questão, o narrador João do Rio apresenta seu olhar sobre os poemas produzidos pelos detentos da Casa de Detenção, inclusive transcrevendo alguns destes

³⁷ As referências e citações à crônica têm por base BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 01/09/1905. DO RIO, João. “Versos de presos”. In: *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, PP. 28-52. As transcrições têm por base a última publicação, seja neste capítulo ou no anexo ao final do trabalho.

poemas ao longo do texto, transcrições intercaladas por observações do narrador a respeito dessa produção.

A narrativa tem por cenário preponderante a Casa de Detenção, havendo um deslocamento para fora deste espaço apenas ao final da crônica em que há uma passagem ocorrida em um bonde.

Quanto ao foco narrativo da crônica, este é em primeira pessoa, alternando o protagonismo do narrador com o dos detentos através de seus poemas, porém prevalecendo o do narrador.

As personagens presentes na narrativa de João do Rio são, além do narrador, os detentos Antônio, Chico Bentevi, Carlos F. P., José Domingos Cidade, Prata Preta, Bueno, José do Senado e um detento não identificado que repete para o narrador seu último repente antes de falecer.³⁸ Também está presente um guarda chamado Antônio Barros que haveria acompanhado o narrador na Casa de Detenção, além de um poeta que o narrador encontra em um bonde ao final de sua narrativa.

No olhar do narrador prevalece uma representação dos detidos na Casa de Detenção que não os desumaniza, como se faz explícito logo na primeira frase da crônica e que serve de epígrafe a este trabalho: “*O criminoso é um homem como outro qualquer*”.

Esta representação do criminoso presente no olhar do narrador, do mesmo modo que ainda hoje não é consensual – tendo em vista a idéia presente em diversos setores de nossa

³⁸ Há referência a um José Domingos Cidade Júnior vítima de um ferimento por uma alavanca de ferro na Praia do Galeão na Ilha do Governador em edição do ano de 1902 da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro: “*João Flausino Delfino Junior, vulgo João Velludo, e José Domingos Cidade Júnior, aquelle residente á praça da Harmonia e este na travessa da Mangueiras n. 12, tiveram hontem uma questão, que terminou por uma scena de sangue. (...) o motivo foi ter a catraia que um tripolava chegado primeiro que a outra (...) Delfino Junior, armando-se de uma alavanca de ferro, com ella feriu gravemente na cabeça a Cidade a quem também vasou um olho. Commettida toda essa barbaridade, Delfino evadiu-se, sendo o ferido removido, (...) para o hospital da Misericordia, ficando aberto o inquerito.*” BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 17/12/1902. Quanto ao Prata Preta, há referência após a revolta da vacina no ano de 1904 no mesmo periódico, onde, havendo este se tornado um símbolo da resistência popular, procura-se colocar em xeque este símbolo: “*Ora o Prata também é pilheria. Não se sabe até agora o personagem que mais se salientasse nos famosos distúrbios*”, para em seguida atacar sua honra através de afirmações acerca de um suposto consumo abusivo de álcool e de sua ausência de valentia. BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 18/11/1904. Após essa referência Prata Preta se torna tema recorrente no periódico em edições posteriores, só com menos ocorrências que para José do Senado e que pelo menos desde 1900 já estava presente no noticiário criminal da cidade, onde em notícia intitulada “*Punhalada Traíçoeira*”, se afirma que “*José do Senado é um homem de character rancoroso e vingativo: ainda não há muito tempo foi elle absolvido no proceso instaurado sobre o celebre facto da ladeira do Castro, em que era apontado como um dos deliquentes. O tribunal absolveu, mas o miserável não soube aproveitar-se do perdão que lhe deram os juizes, para tomar o caminho do bem. A natureza perversa não se modifica com a benevolência dos homens.*” BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 24/01/1900.

sociedade de que a luta pelo respeito aos direitos humanos não deveria se aplicar aos criminosos, em especial aqueles que cometeram crimes considerados hediondos -, também não era um consenso no contexto de produção da crônica, o que foi observado nas referências a estes criminosos feitas no noticiário criminal.

Devemos considerar também que ainda se faziam presentes e com forte repercussão idéias inseridas no pensamento criminológico tais quais as de um Cesare Lombroso ou de um Enrico Ferri, dentre outras aberrações análogas produzidas pelo pensamento criminológico até então.³⁹

Logo em seguida a esta primeira frase, João do Rio oferece ao leitor outra passagem que desenvolve melhor sua ideia apresentada na primeira frase, afirmando que: “*No primeiro momento, sob o pavor dos grandes muros de pedra, com um guarda que nos mostra os indivíduos como se mostrasse as feras de um domador, a impressão é esmagadora*”. A esta afirmação irá se contrapor a afirmação seguinte: “*Quando a gente se habitua a vê-los e a falar-lhes todos os dias, o terror desaparece*”. Então, logo após, reafirma a ideia presente na primeira frase em outros termos: “*os atuais são perfeitamente humanos*”.

Então o autor faz apenas uma ressalva que não se pode deixar de mencionar a respeito dos ladrões, os “punguistas” e os “escrunchantes”, afirmando não que estes seriam desumanos, mas que, entretanto, seriam dissimulados, mentirosos e detentores de um cinismo constante em seu riso e palavra, enquanto os demais criminosos não são classificados assim.

Esta ressalva feita pelo narrador é muito interessante, já que vale termos em mente que ela é feita exclusivamente aos criminosos associados a crimes contra o patrimônio, ou seja, feita exclusivamente àqueles que haveriam atentado contra o bem jurídico da propriedade.

Quanto aos demais, o autor afirma serem “*homens capazes até de sentimentos amáveis*”, revelando que ainda que não desumanize os demais criminosos, o narrador demonstra considerar a capacidade de criminosos serem providos de sentimento amáveis algo digno de espanto.

³⁹ RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. Nesta obra, em que a autora analisa as mudanças no discurso e na prática do poder judiciário na passagem do século XIX para o século XX, está evidenciado também o papel desempenhado por Ruy Barbosa no combate ao consenso que se buscava produzir acerca da cientificidade das ideias de Cesare Lombroso. Ruy Barbosa combate essas ideias demonstrando o compromisso político das mesmas e o compromisso político de Cesare Lombroso ao formular suas idéias.

Entretanto, não fica explícito ser este o seu posicionamento anterior ao convívio com os detentos, o posicionamento esperado dos seus interlocutores imediatos (os leitores da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro), ou até mesmo o posicionamento de ambos.

Após o parágrafo inicial, o autor se vale destas primeiras considerações acerca da humanidade dos criminosos e de suas semelhanças com os demais cidadãos devido ao seu caráter humano para estabelecer uma relação entre, no entendimento do narrador, este país ser “essencialmente poético”, não havendo cidadão que não houvesse feito versos – o que para o autor seria uma qualidade amável. E assim, pode concluir que, sendo os criminosos humanos e cidadãos brasileiros, também entre eles abundavam nos termos do autor “*os bardos, os trovadores, os repentistas e os inspirados*”.

Quanto a demais características destes “poetas da detenção” de acordo com o narrador, estes seriam majoritariamente brasileiros ou portugueses associados à “malandragem” do bairro da Saúde. Através da historiografia produzida acerca da cidade do Rio de Janeiro à época, sabemos se tratar o bairro da Saúde neste contexto de um bairro associado aos trabalhadores urbanos da zona portuária e palco central da Revolta da Vacina.

Podemos pensar aqui na ideia de poetas dentro da lógica de distinção daquele tempo, onde estes detentos oriundos do bairro da Saúde enquanto poetas seriam pessoas distintas e socialmente destacadas, ou seja, sujeitos a parte e especiais. Uma passagem da crônica revela este aspecto de modo explícito: “*Ser poeta é ser alguma coisa a mais do que preso, e um negralhão capoeira, um assassino como o Bueno ou o José do Senado, após o testemunho da rima, falam mais livremente e com maior franqueza*”. Esta passagem também revela um aspecto irônico, no sentido de que os criminosos também seriam poetas e não apenas os homens distintos que passeavam em roupas elegantes na Rua do Ouvidor.

Analisando o modo como o narrador descreve fisicamente os detentos, nesta crônica prevalecem imagens associadas ao seu tamanho e à sua força física, isto pode ser notado em: “*Era um rapaz pálido, como os rapazes fatais nos romances de 1850, mas com um bíceps de lutador*”, assim como na já mencionada passagem em que enquanto exemplo de preso se vale da figura de “*um negralhão capoeira*”, porém nada comparado às descrições dos mesmos na imprensa, onde essas imagens são notadas com maior intensidade.

Quanto às descrições psicológicas sobre os detentos feitas pelo narrador, além das já apontadas referentes à humanidade dos mesmos, está presente a associação deles com a

timidez, o erotismo, o patriotismo, o sentimento de injustiça, as mágoas, a ferocidade, o descritivismo, a urbanidade, a modéstia, a indolência, a sensualidade, o riso, o bom humor, a vivacidade de espírito, a ausência de amor em suas relações, o desejo de ser admirado, o exibicionismo, a vaidade.

Porém, boa parte destes atributos psicológicos que o narrador afirma a respeito dos detentos, resultaria da sua humanidade, portanto não seriam atributos psicológicos que resultariam de sua condição de criminosos ou de detentos, no entanto, outros são atribuídos em relação à sua condição de criminosos ou de detentos. No primeiro grupo podemos incluir os seguintes atributos: o desejo de ser admirado, o exibicionismo, a vaidade. No segundo grupo podemos incluir os seguintes atributos: a timidez, o patriotismo e o sentimento de injustiça.

Se por um lado poderíamos afirmar que, em se tratando da representação dos criminosos pelo autor, prevalece um olhar que analisado no contexto da época seria relativamente "extemporâneo", por outro lado, em se tratando da representação dos poemas dos criminosos no texto, o autor envereda pela figura irônica que permite uma leitura que desqualifica essa produção literária dos criminosos, além da desqualificação explícita em dados momentos.

Uma desqualificação implícita pode ser notada nas seguintes passagens, a título de exemplo: *"há uma porção de modinhas neste gênero"* e *"a idéia constante aparece sempre, ou na primeira ou na última quadra"*. Uma desqualificação explícita pode ser notada na seguinte passagem, a título de exemplo: *"só o povo, a massa ignara, ainda acha prazer em ver, em rimas, batalhas ou arruaças"*, ao tratar de "Os sucessos", atribuído a José Domingos Cidade.

O "Verso detento" é qualificado em cada caso ou de modo geral enquanto: simbolista, erótico, cheio de mágoas, feroz, descritivo, pornográfico, que exprime paixão, bem-humorado, sensual, choroso, comovente, amargo, inundado de amor, com um sentimento de saudade, com recordações desesperadas, com rogos ou precioso. Destas qualidades, podemos notar que boa parte está relacionada a um mesmo campo semântico, sendo incluídos neste campo os seguintes modos que o narrador qualifica o "Verso detento": erótico, pornográfico, que exprime paixão, sensual e inundado de amor. Em um outro campo podemos incluir "cheio de mágoas" e "choroso", enquanto em um terceiro campo podemos incluir "feroz" e "amargo".

De modo geral, prevalece uma representação dos poemas dos detentos associadas ao erotismo e a sensualidade, a paixão e ao amor, assim como a tristeza e a saudade, a mágoa e as recordações, além da associação com a revolta e a ferocidade em menor medida.

Esta foi uma análise interna resumida do texto objeto deste trabalho, através dela e do exame crítico de parcela da historiografia relacionada existente, foi possível investigar o sentido da crônica analisada no seu contexto de publicação através de três eixos que conferem sentido à crônica. Ao analisar a crônica através destes eixos se torna possível investigar também o lugar do texto no âmbito destes contextos.

Esta análise interna privilegiou o modo como o narrador representa os detidos na Casa de Detenção no Rio de Janeiro de 1905, assim como o modo como o narrador representa aquilo que ele chama de o "Verso detento". Através dela pudemos notar que embora o narrador compartilhasse de muitos dos valores e crenças dos "homens de letras" de sua época, por outro lado é observada certa singularidade no olhar do mesmo, especialmente ao considerarmos a ironia direcionada aos literatos do período enquanto horizonte de sentido do texto.

Estes elementos conferem ao texto um alto valor histórico e literário, no sentido de ser possível através dele que se tenhamos conhecimento do cenário em que se desenvolve sua narrativa e de um olhar da época acerca dos detidos e dos criminosos, assim como de ser possível através dele que se tenhamos conhecimento da singularidade da obra de Paulo Barreto ao dar voz a estes detidos e criminosos historicamente silenciados nas fontes históricas e na literatura brasileira, o que de certa maneira reafirma de modo latente a ideia de desumanização dos mesmos.

Invertendo o lugar dos criminosos detidos na Casa de Detenção e os colocando enquanto poetas, ou seja, os localizando socialmente em um patamar análogo ao dos intelectuais e poetas, Paulo Barreto promove uma ruptura com a ideologia dominante onde uma lógica de distinção dos intelectuais e literatos do período frente ao restante da sociedade. Neste contexto, o narrador coloca estes detentos em um patamar análogo ao dos intelectuais e poetas do período, portanto a sua importância na transição de uma cidade colonial para uma cidade moderna não deveria ser ignorada para Paulo Barreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos eixos de análise de que este trabalho se valeu - sendo estes: a imprensa enquanto meio jornalístico e literário no contexto de produção da crônica analisada, as reformas urbanas em curso na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX, além das rebeliões ocorridas na Casa de Detenção à época -, foi possível analisar de que modo a crônica “Os poetas da Detenção” ganha sentido em seu contexto de produção. Outro elemento importante para esta análise foi o estudo da trajetória do autor da crônica, que revelou uma possível compreensão acerca de sua escolha em tratar da temática presente na mesma, assim como das temáticas presentes em outras crônicas do mesmo autor.

Em “Os poetas da Detenção”, invertendo o lugar dos criminosos detidos na Casa de Detenção e os colocando enquanto poetas, ou seja, os localizando socialmente em um patamar análogo ao dos intelectuais "com casaca", Paulo Barreto promove uma ruptura com a ideologia dominante de uma lógica de distinção dos intelectuais do período frente ao restante da sociedade. Neste contexto de reformas urbanas que ignoravam os interesses das chamadas "classes perigosas", isso representa uma espécie de ponderação na ideia de progresso e de modernidade defendidas pelo autor, uma ponderação no sentido de que estando estes detentos em um patamar análogo ao dos intelectuais do período, sua importância na transição de uma cidade colonial para uma cidade moderna não deveria ser ignorada.

Isto colocado, o valor da crônica “Os poetas da Detenção” enquanto fonte para a compreensão do contexto do período em que foi produzida e dos processos históricos que atravessam seu texto se faz evidente.

Optando pela análise de uma fonte literária e jornalística, tive a possibilidade de estudar as relações entre literatura e processo histórico. Colocando a questão da historicidade do discurso literário e das instituições que o mesmo atravessa. No caso as relacionadas às instâncias literária, jornalística, assim como à instância punitiva do Estado republicano que então se configurava.

Uma ressalva importante de ser feita se trata de que, os cânones da crítica literária no século XX nem sempre fizeram um julgamento favorável em se tratando do caráter literário da obra de Paulo Barreto. Isto é observado nas obras de Alfredo Bosi e de Antonio Cândido. Para ambos, considerando ser a obra de Paulo Barreto inscrita no contexto da *belle époque*,

portanto com a incorporação de valores europeus, ela seria uma obra de menor valor ante um Lima Barreto que afirmava valores nacionais. Esta constatação não causa surpresa se inserida na leitura que fazem esses cânones de um modernismo paulista ligado à Semana de Arte Moderna de 1922 enquanto principal ruptura em toda história da literatura brasileira devido a uma superação da lógica de incorporação da estética e valores das literaturas européias. Nesta leitura, um Lima Barreto que afirmava sua nacionalidade brasileira em detrimento dos valores europeus teria seu valor literário majorado em detrimento de um Paulo Barreto que ainda estaria ligado a uma estética e valores europeus. Esta lógica tem por limites tanto a centralidade atribuída ao modernismo paulista em sua leitura, quanto a sua teleologia em analisar a literatura do período anterior à Semana de Arte Moderna de 1922 como já dotada de um sentido que resultaria no modernismo paulista.⁴⁰ Entretanto, a despeito de seu valor minorado pelos cânones, recentemente vem se ampliando o interesse pela obra desse autor no meio acadêmico, interesse que moveu em boa medida este trabalho e que moverá muitos outros.

⁴⁰ BOSI, Alfredo. “As letras na Primeira República”. In: *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano, Vol. I*. São Paulo: DIFEL, 1977, PP. 295-319. CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiros)”. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, PP. 109-138.

ANEXO – OS POETAS DA DETENÇÃO E SEUS POEMAS

*“Pobre flor que mal nasceste, fatal
Foi a tua sorte, que o primeiro
Passo que deste com a morte deste.
Deixar-te é coisa triste. Cortar-te?
É coisa forte, pois deixar-te com vida
É deixar-te com a morte.”*

(Anônimo)

*“Os amores de Carlos

Chiquinha abriu sorrindo
A Porta da sua alcova
E Carlos foi logo indo
Com a sede...”*

(Chico Bentevi)

*“Meus senhores, venham ouvir
Do meu peito uma canção
Tirada por um condenado*

Na casa de Detenção

São martírios que se passam

Sofrendo profunda dor

Ser preso e condenado

Por vingança é um horror.

Fui preso sem nenhum crime

remetido para a Detenção

Fui condenado a trinta anos

Oh! que dor de coração.

Sou um triste brasileiro

Vítima de perseguição

Sou preso, sou condenado

Por ser filho da nação.”

(Carlos F. P.)

“Dia quinze de novembro.

Antes de nascer o sol

Vi toda a cavalaria

De clavinote a tiracol.

As pobres mães choravam

E gritavam por Jesus;

O culpado disso tudo

É o dr. Osvaldo Cruz!

O autor desta modinha

É um pobre sem dinheiro

Já não declaro-lhe o nome,

Sou patriota brasileiro.”

(José Domingos Cidade)

“A cor morena

Fui condenado

Pela açucena

Por exaltar

A cor morena...”

(Anônimo)

“Meus amigos e camaradas

As coisas não andam boas

Tomaram Porto-Atur

Na conhecida Gamboa

Logo o Cardoso de Castro

Ao seu Seabra foi falar

Para deportar os desordeiros

Para o alto Juruá

Mas eu sei que não sou de ferro

Meu corpo coleí com lacre

Que não gosto de chalaças

Lá nos borrachas do Acre.”

(Anônimo)

“Céus... meus! por piedade

Tirai-me desta aflição!

Vós!... socorrei os meus filhos

Das garras da maldição!

São horas, são horas

São horas de teu embarque

*Sinto não ver a partida
Dos desterrados do Acre.”*

(Carlos F. P.)

*“Não sejas tão inclemente,
Atende aos gemidos meus...”*

(Anônimo)

*“Se eu pudesse desfazer
Tudo aquilo que está feito,
Só assim teu coração
Não veria contrafeito.”*

(Anônimo)

FONTES CONSULTADAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Inventário preliminar do Fundo: Casa de Detenção do Rio de Janeiro, 2001.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. CDDF 00 MD HN 043.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. CDDF 00 MD HN 057.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. CDDF 00 MD HN 058.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 24/01/1900.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 17/12/1902.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 18/11/1904.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 20/01/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 12/03/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 13/03/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 28/08/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 29/08/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 01/09/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 03/09/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 12/09/1905.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. *Gazeta de Notícias* (RJ), edição de 29/10/1905.

DO RIO, João [Paulo Barreto]. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

DO RIO, João [Paulo Barreto]. “O momento literário”. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca nacional, s.d. (Edição digital disponível no sítio eletrônico <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Nilo. *Introdução Crítica ao Direito Penal Brasileiro*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- BENCHIMOL, Jayme. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- BOSI, Alfredo. “As letras na Primeira República”. In: *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano, Vol. I*. São Paulo: DIFEL, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores na belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DE CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DE CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DE CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DE MORAES, Evaristo. *Prisões e instituições penitenciárias no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Conselheiro Cândido Oliveira, 1923.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- FRANCO, Thiago Carvalho, DE MENDONÇA, Maria Luiza Martins. Junio de 2015. “João do Rio e a Alma encantadora das ruas: o lugar do subalterno e do cidadão em sua obra”. *Palavra clave* 18 (2), 452-474.
- FREIRE, Américo. *Uma capital para a República. Poder Federal e forças políticas locais no Rio de Janeiro na virada para o século XX*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998.

- GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: velas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- HOBBSAWN, Eric. “Os trabalhadores pobres”. In: *A era das revoluções, Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, PP. 221-237.
- LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MAIA, Clarisse Nunes, NETO, Flávio de Sá, DA COSTA, Marcos, BRETAS, Marcos Luiz (Orgs.). *História das prisões no Brasil - Vol. 02*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- MARINHO, Maíra Rangel. *João do Rio: o dândi e a cidade*. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de Brasília, 2004.
- MELOSSI, Dario, PAVARINI, Massimo. *Cárcere e fábrica – as origens do sistema penitenciário*. Rio de Janeiro: Revan/ICC, 2006.
- PASUKANIS, E. B. *A teoria geral do direito e o marxismo*. Rio de Janeiro: Renovar, 1989.
- RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. “História da urbanização no Rio de Janeiro. A cidade capital do século XX no Brasil”. In: CARNEIRO, Sandra de Sá, SANT’ANNA, Maria Josefina Gabriel (Orgs.). *Cidades, olhares, trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, PP. 85-118.
- SANT’ANNA, Marilene Antunes. “Os espaços das prisões no Rio de Janeiro do século XIX”. In: *Anais das Jornadas de 2007*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – Literatura, técnica e modernização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum – Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Fernando Carvalho Ventura, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *João do Rio e “Os poetas da Detenção”* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, idéias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.
